

CORREIO DE FIGUEIRO

SEMANARIO INDEPENDENTE

Director: JOÃO DIAS MANSO

(a quem deve ser enviada toda a correspondencia)

Editor: JOSÉ FRANCISCO DA SILVA

Séde da Administração em FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Comp. e imp. na Imprensa Académica, Rua da Sofia — Coimbra

Assinaturas

Serie de 12 numeros 2\$50
 » » 24 » 5\$00
 Numero avulso..... \$30
 Para as Colonias e Estrangeiro acresce o porte do correio e as despesas de cobrança a cargo do assinante.

Publicações

Anuncios judiciaes e semelhantes, cada linha \$60
 Anuncios comerciaes e comunicados, preços convencionaes.

Propriedade da empresa "CORREIO DE FIGUEIRO"

A calamidade das execuções fiscaes

Na proposta dos duodécimos há dias apresentada ao Parlamento e que à hora a que escrevemos deve já ter sido convertida em lei, foram incluídas duas disposições, que reputamos de maior necessidade e urgência para pôr termo a essa verdadeira calamidade das execuções fiscaes que caiu como um cataclismo sobre os desgraçados contribuintes deste concelho, como de resto deve ter caído sobre todos os contribuintes portugueses, agravando-lhe duma maneira alarmante a sua já amargurada existência.

Numa dessas disposições determina-se que deixem de ser colectados os rendimentos prediais que não produzam contribuição superior a cincoenta centavos, devendo ser anuladas as colectas já lançadas naquelas condições, ainda que já estejam relaxadas e em cobrança coersiva.

Na segunda determina-se que em caso de execução as respectivas custas nunca vão além de dois terços da quantia exequenda.

Nada mais justo nem mais moralizador pois é absolutamente inadmissível que se cheguem a levar dezenas de escudos de custas por uma dívida de meia dúzia de tostões que, em muitos casos por lapsos havidos nas secretarias de Finanças deixaram de se pagar por ocasião da cobrança voluntaria.

O Estado deve arrecadar os impostos legalmente lançados e de que carece para os seus encargos, mas deve haver todo o cuidado nessa arrecadação evitando-se vexames e violências desnecessárias e que só servem para justamente revoltar aqueles que delas são vítimas, tornando mais intensa e pesada esta atmosfera de revolta e de desagrado que há muito respiramos e que pode levar a extremos lamentáveis.

Foi de encomenda!

O pobre pasquiereiro já apela para as referencias elogiosas que o antigo figueiroense lhe fez, quando da formatura, querendo

pô-las em confronto com aquela *folha corrida* que êle houve por bem passar-nos, no célebre officio.

Há só duas diferenças no confronto:

A primeira é que tu escreveste depois de bem nos conheceres e muito depois já de publicadas na *União Figueiroense* as infâmias que não te pejuste de reeditar agora enquanto que o figueiroense escreveu muito antes de te conhecer as prendas e as artes...

E a segunda é que a prosa do figueiroense deve ter sido encomendada, como aquela que tu de nós solicitavas na tua carta de 25 de Novembro de 1919 a favor da tal *casa de saúde* que aqui querias montar para servir todo o norte do distrito — e não o fazia por menos! — e para a qual nos dizias ter já adquirido todos os instrumentos cirúrgicos precisos e te propunhas até (mesmo sem ter um centavo de teu) construir a precisa casa!

Oh! senhores! eu aguentei patetisses a êste tratante que ainda hoje pasmo da minha pobre paciência. E para quê?! Por uma influência politica que nem junta com os meus valiosos elementos daquela freguesia, logrou eleger sequer uma Junta de Paróquia!

E ainda êste tratante vem dizer que nos deu calças para criados e caixas de champagne! Tu sabias lá, nêsse tempo, que bicho era êsse! Champagne?! Nem zurrapa reles na nossa casa entrou de tal proveniência.

Dé a mão à palmatória...

Não foi em dizer que o sr. Figueiredo era grande influente que o noticiaria da *Regeneração* se mostrou ingrato para com aqueles que no concelho de Ancião lhe deram muito mais votos do que os que teve no seu próprio concelho, mas sim o foi quando, para nos deprimir com o confronto, falsamente afirmou que aquele senhor levava à bôca da urna nada menos de mil votos, o que implicitamente reduzia a pouco mais de trezentos os votos daqueles que tão generosamente o brindaram com perto de quinhentos votos.

Assim é que está certo, como certo está que os que andaram de automóveis e de camionetes por êsses concelhos além, tratavam, como lhes cumpria, de velar pelo triunfo dos seus candidatos como o noticiaria da *Regeneração*, com vacina ou... sem ela, decerto fez também com o que lhe dizia respeito.

O diléma é apertado, mas é assim mesmo.

A NOSSA CARTEIRA

Restabelecida duma grave febre tifoide que por alguns meses a reteve no leito e de que a salvaram os constantes cuidados e alta competência do illustre clinico e nosso presadissimo amigo e sr. Dr. Pedro Crespo de Lacerda, retirou já para Sinfães a gentilissima menina D. Emilia Freitas, filha estremeçada do nosso velho amigo e sr. Júlio de Freitas, estimado Secretário de Finanças naquele concelho.

Encontra-se quasi restabelecido dos padecimentos que há dias os acometeram os nossos presados amigos e srs. José Miguel Fernandes David, digno administrador deste concelho e João Ferreira de Carvalho abastado capitalista, proprietario e digno vereador da Câmara Municipal.

Já tomou posse do seu lugar de contínuo interino da Câmara, o nosso patricio e amigo Manuel da Conceição Teixeira, há dias nomeado para esse lugar pela digna Comissão Executiva da Câmara.

Trata-se duma nomeação, que é obrigatória, que não facultativa, da Câmara, visto respeitar a um lugar do seu quadro obrigatorio que estava incompleto, e dadas as simpatias que o nomeado tem no nosso meio foi ela de inteiro agrado para todos os Figueiroense, só o não sendo para o tal arribista que para aí appareceu e que já tinha o lugar prometido para um parente lá do Funtão, quando pela ôca cabeça lhe passou poder vir a dispor da nossa digna Câmara.

Foi de pouca animação na nossa terra o carnaval do ano corrente. Duas ou três mascaradas de algum espirito, os costumados bailes do club e associações de classe e algumas dúzias de bombas queimadas assinalaram com pouco relevo a passagem do velho Fulião de 1926, que Deus haja...

Veio passar os dias de Carnaval com seu pai e nosso velho amigo Augusto de Araujo Lacerda, conceituado solicitador e abonado proprietario desta vila, seu filho e nosso bom amigo e sr. José de Lacerda e Almeida, empregado superior e justamente considerado da filial do Banco Nacional Ultramarino, em Coimbra.

Os nossos vinhos

Pelo que acabamos de vêr no nosso illustre colega *O Século*, de 14 do corrente mês, a exportação dos nossos vinhos de consumo vai enfim ser patrocinada pelo Governo como já de há muito o devia ter sido, tratando-se como se trata da principal fonte de receita da nossa agricultura.

Para tal fim acaba de ser apresentada ao Parlamento pelos Ex.^{mos} Ministros do Comércio e da Agricultura um importante projecto de Lei, pelo qual são criados nas regiões vinhateiras postos de fabrico especial e garantia de marcas, criando-se a «Casa Portuguesa de Vendas» em Londres, Rio de Janeiro e noutros grandes centros estrangeiros onde os nossos vinhos possam ser colocados.

É uma iniciativa digna dos maiores louvores e a que faremos mais largas referências, logo que para tanto tenhamos espaço disponível.

Pois sim, menino, rala-te bem

Ha três ou quatro números do pasquim que o pobre barbeiro do Funtão vem perdendo a prosa e o tempo dizendo que a digna Câmara deve fazer isto e deve fazer aquilo, porque mais assim e porque mais assado, numa lamúria constante que até é capaz de fazer chorar as próprias pedras.

Demais sabe êste pateta que a digna Câmara faz tanto caso do que êle diz como da água que há 100 anos correu pelo rio Zézere, mas como lá pelo Funtão ainda há quem lhe leia a prosa, o homem quer-se dar ares de mentor e fingir ao menos que ainda por cá risca alguma coisa.

Daí também não há de vir grande prejuizo ao mundo, mas melhor seria ires ladrar para a Lua Nova, que veio desta vez invernososa de mais.

Curiosidade aritmética

Tomar um número menor que 10, dobrar e acrescentar 4; multiplicar esta soma por 5; ao produto ajuntar 12 e multiplicar por 10; ao total assim obtido, diminuir 320. Se ao número que assim resulta se tirarem os dois últimos algarismos reaparece sempre o número primeiro.

Bilhete de Paratida
Imprensa Académica
Coimbra

A entrevista do padre

A entrevista do padre, que veio à luz da publicidade na penúltima semana, só pode ter tido dois objectivos: — ou tornar públicas as atenções que comigo teve por ocasião da formatura da tal pessoa que me dizia respeito, para taxar de injusta a minha ulterior atitude para com elle, ao que facilmente se responde com aquella velha prece popular de que «*Deus nos defenda de quem bem nos fala e mal nos quer*» — e, como elle, na sombra nos apunhala; — ou, e para que mais nos inclinamos, atenuar os efeitos morais do procedimento (vã de lhe suavisar o termo) pouco canónico que o padre tem tido na nossa terra, procurando ao mesmo tempo e para melhor desviar dos seus actos a atenção pública, anavalhar pelas costas esse alto lucidíssimo e complexo espirito de escritor e poeta, de jornalista e de parlamentar que na entrevista se designa de R. de C.

Efectivamente, estando o padre para af, deve ir em 8 anos sem nós jámais termos solicitado d'ele, nem directa nem indirectamente, o mais ligeiro serviço ou a mais simples colaboração política, como podia passar-lhe pela cabeça que da sua atitude política nascera a attitude que tomamos de com elle interromper, ou melhor cortar, as relações amistosas que vinhamos mantendo?!

Mais ainda, salientando-se a acção política do padre (e por sinal bem edificadamente) somente por ocasião das eleições de Novembro último, em que por sinal (e elle mesmo o confessa) só levou á urna 22 votos, como é que logicamente elle podia filiar nessa sua attitude um corte de relações, que já vinha de há meses?!

Na própria eleição de tal sociedade de recreio, a que elle alude, nem pela cabeça nos passou de solicitar para a nossa lista, que d'ele, por demais, não precisava, o concurso do padre, somente nos tendo magoado o procedimento desleal e traçoieiro d'esse padre e daqueles que com elle planearam levar de verdadeiro assalto, aproveitando-se da nossa boa fé e da ausência dos nossos amigos, uma eleição que, nem assim, lograram vencer.

Já a morte nos roubou padre, esse digno chefe da secretaria municipal e querido patricio Amadeu Simões Lopes, que tanto se revoltou com a deslealdade e incorrecção do vosso procedimento que declarou logo perante amigos nossos e vossos, que *ainda estão vivos*, que se tivesse assistido à respectiva assembleia, teria proposto immediatamente a vossa expulsão dela, por venenoso!

E' intuitivo e absolutamente verdadeiro que eu não me referi ao vosso procedimento nos termos banais, se não mesmo estúpidos, a que vós aludis naquella entrevista, embora me honre de ter manifestado por outras palavras, de *equivalente* sentido, a mágoa que senti de mais uma vez, e por forma tão pouco digna, vos ver afastar do caminho da dignidade e da honra que deveis, se não a vós próprio, pelo menos à vossa posição; mas menos verdadeiro

não é que vós, de tal modo achasteis justa a minha indignação que vos apressásteis a ir à mesa de jôgo, onde me encontrava, dar-me as célebres explicações das «*intellectualidades*» das listas, pelas quais, em vez de obter a justificação para um tal procedimento, somente conseguisteis patentear uma vez mais a doentia irreflexão que preside aos vossos actos.

Por todos estes factos temos de concluir que a capa política foi propositadamente architectada para encobrir incorrecções e desmandos que a opinião pública imparcial e justa vem vendo com maus olhos e cujo desagrado, já manifestado por formas várias, pela célebre entrevista se procurou atenuar.

Padre! eu não posso nem quero perseguir-vos como não devo nem quero perseguir a quem quer que seja; e se por vezes me torno violento nas referencias que vos faço só à justa indignação que me causam os assuntos a que tenho de referir-me deveis attribuir a attitude que assumo.

E' que eu padre, que sou católico e que sou crente, não posso vêr com indiferença que uma das mais santas senhoras da minha terra se veja privada de assistir como era hábito e ardente desejo seu, à missa da Igreja da sua freguesia por que — ela o diz — jámais pode vêr sem revolta, revestido das alvas vestes da Paz, do Amor e de Fraternidade Humana aquêl que, servindo-se de expedientes absolutamente intoleráveis em quem quer que seja (quanto mais num sacerdote! —) tanto a tem prejudicado e perseguido para se conservar na posse do que é dela, obrigando-a a andar por casebres de empréstimo com grave risco da sua abalada saúde e da saúde também precária dum filho que lhe resta e que é hoje o único ente que lhe suavisa a existência!

Como vós sabeis, eu não tenho ligados nem a essa desventurada senhora nem a essa célebre questão os mais ligeiros interesses, mas a minha consciência de homem justo e de chefe de familia, avaliando e lamentando as horribes atribulações porque essa pobre familia tem passado, justamente se revolta contra quem tão desnecessariamente lhos promove.

E' que eu que sou católico e que sou crente, padre, não posso, deixar de exteriorisar a minha indignação quando ao meu conhecimento chegam infamias como aquella que se praticou com esse honrado cidadão que se chama Manuel Ferreira, casado, proprietário, das Cabeças (que era mais das vossas relações que das minhas, visto que foi durante meses vosso encarregado da resinagem naquele logar e era até ao tempo vosso crédor) que tendo-vos ido procurar para lhe dizeres uma missa, honrando assim a memória do pai que a havia prometido, ouviu com pasmo que vós lhe disseste que fôsse ter comigo para lha dizer porque nem essa nem outras voltaria a dizer às Cabeças visto o povo d'esse logar ter votado comigo.

Ah! padre! padre! que descesteis mais baixo que a lama das sargetas e se este honrado homem perdesse a cabeça com a vossa resposta e vos abrisse logo uma segunda corôa, iria direito ao ceu como uma linha, porque Deus, que tremeu de revolta com o vosso procedimento, não podia deixar de louvar o justo castigo que elle vos applicasse.

E' que eu que sou católico, que sou crente e que sou humano, padre, não posso vêr sem natural revolta que se afronte a miséria da minha terra, exactamente no momento em que ella passava por uma das suas mais terriveis provações, com semanas inteiras de festas mundanas e dispendiosos banquetes sem deles se desviarem as mais pequenas verbas para matar a fome aos desgraçados pobre que os presenciavam.

Nem as sobras dos vossos banquetes; sim, nem esses restos de pão que deviam ter ficado sobre as vossas mezas houve a caridade de mandar distribuir pelos pobres da minha terra; desta terra hospitaleira e boa onde vós e outros como vós, tanto se teem enchido à nossa custa!

E' que eu que sou católico e que sou crente padre, não posso ver sem justificada indignação que se exija do alto de um altar a congrua mínima de dois mil e quinhentos reis por cabeça e que esse pagamento se fixe para a ocasião das confissões, privando-se assim dos sacramentos aquelles que não teem posses para tal congrua e que não poucos são ainda.

Padre! é que eu que sou católico e que sou crente, que sou justo e que sou digno, não posso ver sem tremer de horror que se falsifique um recibo, adicionando-lhe palavras que elle não continha como bem se infere de um documento existente na minha posse para com elle melhor se roubarem sacratissimos direitos d'uma Santa Viuva, que cometeu a grande gafe de se fiar na palavra do Pároco da sua freguesia!

Padre! Tantas e tantas outras cousas tenho presenciado cheio de revolta que já cheguei a cometer a grande heresia de me supôr Santo! Não, é clarissimo, pelas virtudes que me attribua mas sim e somente pela diferença que noto entre o meu e o vosso procedimento; entre o procedimento meu e o de tantos outros que para aí afrontam com os seus crimes e com os seus desmandos os mais elevados sentimentos.

Padre! Como vós bem dissesteis não sou modelar em todos os meus actos e temo até que o não seja na maioria d'elles; mas vêde se sois capaz de destruir esta crença que me assiste de não poder ser acusado de actos da natureza dos que deixo referidos; mais ainda de acto algum que possa fazer corar de vergonha um homem de bem.

Pelo que respeita à parte da entrevista que tão infamemente se referia aquelle nosso querido amigo aí designado de R. de C., é que o vosso procedimento foi duma baixêsa e duma hipocrisia revoltante, pois que, não podendo deixar de ser do vosso conhecimento o desmetido formal da infamia de que vos tornais éco, feito no mais conceituado jornal

católico do nosso País «*A Epoca*», hipócritamente ocultais que a averiguada verdade dos factos é que o assassinio do Padre Barros Gomes foi levado a efeito por um cabo de infantaria, e que aquelle nosso presadissimo amigo R. de C. salvou ainda da morte certa e com risco da própria vida dois pobres sacerdotes, que uma multidão desvairada vinha apunhando e insultando.

Termino padre, pedindo a Deus que me vá conservando esta saúde e graça de que se tem dignado fazer-me mercê e com a qual tenho podido ir repelindo os vossos desmandos que em muitos casos, como tendes visto, chegam a exceder os limites degradantes da mais refinada infamia.

Palavras de aplauso

A propósito do célebre officio há dias publicado escreve-nos um velho amigo e honrado filho da freguesia de Campelo, elogiando o nosso procedimento e comunicando-nos que elle, como tantos outros campelenses dignos, também foi vítima d'esse estúpido alveitar que para aí está e cujas proesas temos vindo escarpelando.

Lá como cá o marôto bajulou, rastejou e comeu em quanto poude, atirando em seguida com os pratos à cara do seu bemfeitor, como tudo os nossos presados leitores poderão verificar da carta, que muito agradecemos aquelle nosso velho amigo e que é do teor seguinte:

II.º Amigo e Sr. L...

Receba muitos parabens pela publicação do officio que vinha no seu jornal só hoje aqui chegado.

Aquilo foi uma boa força que o senhor armou ao tal novo rico! (a admiração é nossa) que lá tem de ficar a esperniar para os meus patricios verem a raça de que elle é.

A mim fez esse farfalheiro o mesmo que fez ao amigo e sr. L..., que eu bem sei que foi mais que pai d'ele.

Comeu e bebeu enquanto quiz e outras coisas mais elle bem sabe que encontrou na nossa casa, e um belo dia começou sem mais nem menos a dizer que estava melindrado comigo e nunca mais me dirigiu palavra.

Nunca as mãos lhe dôam amigo e sr. L... e fique elle certo que se eu por aí tivesse estado como um dia ainda pode succeder elle também me há-de pagar a partida que me fez e que eu tenho bem de lembrança.

... (O resto da carta não interessa ao caso a não ser o final em que se nos pede que publiquemos muita vez aquelle officio).

... 10/2.º/926.

Seu amigo obrigado

X

Sempre respondendo . . .

Como aos nossos presados leitores decerto não tem passado despercebido, nesta baixa polémica que vimos contestando para repelir as infâmias e pôr côbro às pesadas ladroeiros dêsse nógento tratante das avenças em partidos e até em concelhos diferentes do seu, da ilegal exigência de honorários aos pobres e do criminoso exagêro das respectivas tabelas com que êle deve ter roubado ao desgraçado povo do meu concelho dezenas e dezenas de contos de reis, a nossa melhor tactica tem-se reduzido a obrigar êsse ladravás a precisar, tanto quanto possível, as acusações que nos faz para que possamos em seguida pulverisal-as patenteando com inteira clareza a sua falsidade.

Por tal processo conseguimos que o mariola, tendo vindo falsamente acusar-nos de ter ido ao Avelar, arranjar testemunhas para depôrem contra êle, se visse forçado a precisar que a pessoa convidada, fôra um illustre clinico e nosso presadissimo amigo, do Avelar de quem o maroto não só declinou o nome como até para dar mais feros de veracidade a essa infeliz invenção, forjou palavras que êle nos teria dito em resposta a êsse convite!

Logo reptado por nós a provar taes afirmações, patenteou com clareza a impossibilidade de o fazer fujindo da prova para o insulto, que é sempre o recurso extremo da vilanagem quando, como no caso presente, à apreciação da opinião pública se põem em fôco as suas patifarias.

Nós é que porém, não deixamos passar o caso em julgado, podendo logo dar publicidade a êstes elucidativos periodos da carta d'aquelle respeitabilissimo clinico, que temos em nosso poder e em que não só mostra a inteira falsidade das acusações que o tratante nos dirigiu como inteiramente se confirma tudo quanto em relação aqúelle assunto aqui temos afirmado:

« Não tenho dúvida em confirmar não ser verdade que V. tivesse vindo ultimamente ao Avelar convidar-me para ir a Figueiro depôr contra o meu colega Ex.^{mo} Sr. F. . .

Quando V. veio ao Avelar e nos encontramos na Togeira pediu-me V. lhe indicasse *peçoas que podessem informal-o* acerca da forma porque no Avelar exercia clinica o referido colega, ao que eu respondi só conhecer êsse assunto por referências vagas e contraditorias, sabendo apenas de *dois avençados* por eles próprios me terem dito; que nestas condições nem sequer podia fornecer-lhe as indicações que me pedia e, se ia para o Avelar lá encontraria decerto quem podesse informal-o melhor que eu.

Nem outras palavras nem outras impressões trocamos sobre o assunto nêsse encontro, que foi rapido, sendo *pura fantasia* opiniões que se me atribuíram e que já *tive ocasião de engeitar* ».

E agora tratante que mais te resta dêsse verdadeiro amontuado de falsidades e infâmias com que quieste desviar para o campo cómodo das baixas perseguições politicas a nossa acção exclusivamente moralizadora e que outro

fim não tem nem podia ter que o de pôr côbro às tuas faltas e aos teus crimes fazendo-te pôr termo a saídas ilegales quasi diariamente repetidas e a essa montanha de roubos que tens praticado ao desgraçado povo do meu concelho, que tu ainda tens o cinismo de vir dizer que está pobre e miserável?!

Se está pobre e miserável como dizes, mariola, porque é que em vez de o tratares de graça como te cumpria mais o foste empobrecer e desgraçar roubando-lhe o pãozinho que êles tinham em casa e exigindo o dôbro, o triplo e até a mais do que êles tinham obrigação de te pagar?

E querias que eu me calasse perante infâmias destas?! E querias que o meu silêncio, que em tal caso seria mais que criminoso, te deixasse continuar impune a roubar êsses desgraçados, que tantas provas me tem dado da sua amizade e que tão dignos são de protecção e amparo?!

Ah! não, não tratante! Tu podes despejar contra nós toda a baba peçonhenta que êsse vil bucho encerra, que não és capaz de nos fazer calar; e de novo aqui te afirmamos que ou tu deixas de roubar o desgraçado povo do meu concelho ou eu não mais cesso de te apregar os crimes indo até, se fôr preciso, denunciá-los à justiça, para te trançarem na cadeia e obrigarem-te a restituir o que demais tens levado.

No baldado propósito de obteres o meu silêncio, andaste a vasculhar todas as infâmias, todos, que contra mim ouzaram assacar numa luta politica sem ideias e sem extremas, sem te lembrares, porém, que já depois, e muito depois dela tu mesmo te encarregaste de nos passares a nossa folha corrida, nêsse celebre officio que o público já conhece e que é o teu calvario; e sem te lembrares ainda que, como então fizemos em meia duzia de palavras, as vamos pulverizar, transformando-as, como em qualquer magica, em verdadeiros titulos de gloria, em atestados de bom comportamento que bem comprovam aquelle que nos passaste quando, farto de explorar o que era nosso, de nós ainda te quieste servir para explorar também o que era do Município.

Principiando pelo caso do Martins da Lavandeira, dizemos aos nossos presados leitores, que o desconheciam, que os irmãos Martins, nossos velhos amigos e dedicados eleitores, viveram até aos sessenta ou setenta anos, que já tinham, em comum e na mais santa harmonia, até que por morte da mãe uma partilha de bens de tal forma os indispôs que não havia meio de os harmonizar. Por vezes chamado para tanto ora por êles ora pelos serviços da casa, sem lograr compô-los, tive de anuir nos desejos do irmão Augusto comprando-lhe a parte da herança, se bem me recorde, por mil e trezentos escudos.

Ele, que era um asmático e se encontrava bastante mal, morreu um ou dois dias depois, e eu, que não queria bens na Lavandeira, onde êles residiam puz a compra à disposição do irmão

sobrevivente pelo preço em que a tinha e, não querendo êste comprá-la, vendi os prédios a diversos, obtendo ainda da operação um lucro de quatro centos escudos que tive a generosidade de entregar logo aos sobrinhos do falecido que eram mais pobres e dos quais alguns ainda existem para comprovarem o que deixo dito.

O caso da querela de imprensa em que eu fui autor, que não réu, é outro titulo de glória nossa, de que muito legitimamente nos orgulhamos e que consta dum processo arquivado nêste juízo, de onde é facilimo obter certidões que nos desmintam, se o que vamos referir não fôr verdadeiro.

Chamando aos tribunais, por ocasião da tal luta politica, a que já alludimos, o desorientado que num jornal que para aí nos tinha alcumhado de « desqualificado », tivemos a satisfação de obter que o Juiz da nossa comarca, de que faziam parte pessoas de elevadas qualidades e por demais nossos adversários politicos, como o filho do falecido Visconde da Castanheira, consignassem nas suas respostas, por maioria:

a) Que no jornal querelado haviamos efectivamente sido arguidos de « desqualificado ».

b) Mas que tal arguição, feita naquele jornal, não era offensiva da nossa dignidade.

E para que não restassem duvidas nem podessem haver sofismas ou mal entendidos sobre a nossa honorabilidade, sim para bem frizar que não ofende quem quer, o mesmo juiz lá foi consignando e não já só por maioria, mas sim *por unanimidade*, que eu o autor, gozava no meio em que vivia dum justificado prestígio moral que se filiava na correção do meu posto como cidadão exemplarmente comportado.

Estás a vêr tratante o que succederia também agora se eu me dêsse ao sport de te chamar aos tribunais. Como as mesmas causas produzem sempre os mesmíssimos efeitos o juiz da nossa comarca lá voltaria a dizer que sim senhor, que era verdade tu ter-mos chamado muita coisa feia, mas que, como os homens de bem não podem estar à mercê do primeiro sabujo que lhe appareça, essas coisas feias não podiam ser offensivas da nossa dignidade, por que tu carecias de qualidades morais para offender a quem quer que seja. E para que não restassem duvidas sobre as nossas qualidades, êles lá repetiriam não só aquelle atestado a que acima nos referimos, mas aquelle que tu mesmo passaste do nosso espirito inteligente e justo, aquelle honorabilidade a que nos dão juz as nossas altas qualidades de homem de bem e de justiça *(sic)*.

Custam-te a engulir estes marmelos, custam, mas tem paciência e queixa-te sómente da tua crassa estupidez, porque foi ela e só ela que nos deu oportunidade de mais uma vez esclarecer a opinião pública sobre os casos que tu e outros como tu, baldadamente têm procurado deturpar para desvirtuarem o nosso impeccável procedimento.

A infamia do testamento a que êste velhaco também alludiu é de qualidade equivalente, ou mais infeliz ainda, por que tendo nós, por verdadeiro acaso, nada menos

de 2 testamentos da santa senhora a que êle se refere (— a tão santa que o maroto lhe foi roubando 2\$50 por cada visita que fez a uma criada que ela teve doente quando o preço dessas visitas era apenas de \$50) feitos *por pessoas diferentes* e em épocas bem distantes, e em que ela ainda não vivia na minha companhia, por eles posso provar às pessoas de bem que os desejem vêr que eu herdei agora dela exactamente o mesmo que ela já então me legava.

Resta-nos pois sómente o caso da Câmara mas êsse é de tal modo improcedente e estúpido que seria ridicula toda a referêcia que lhe fizéssemos.

Para arrastar êste biltre pela lama da baixesa eram desnecessárias as explicações que aí ficam bastando sómente amarrá-lo às suas próprias palavras, a êsses elogios officiais que o tratante não exitou de dirigir-nos já bem depois de ter sido feita contra nós a campanha que êle com tanta infelicidade quanta baixesa reeditou, mas como isso podia deixar algumas duvidas nos espiritos de quem bem nos não conhece, preferimos ter o trabalho de a repelir de novo, expondo os factos à imparcial apreciação dos nossos presadíssimos leitores, tais quais êles são.

Era intenção nossa publicar já hoje uma das listas dos pobres avençados a cada um dos quais êste incorrigivel gatuno papava por um ano nada menos de dois alqueires de milho e ainda um molho de palha! E como era desejo nosso publicar as cifras das importancias que êle exigiu por várias visitas que fez a diferentes pontos dêste concelho e pô-las em confronto com o que êle legalmente podia cobrar, mas como êste já vai longo de mais ficará para o número seguinte, em que os nossos presadíssimos leitores terão então ocasião de verificar que êle levava, em regra, a três, quatro e até cinco vezes mais do que em face da lei podia cobrar!

Uma verdadeira e criminosa exploração que deixava na miséria e na ruína quantos desgraçados lhe caíam na unha enquanto êste refinado ladrão se ia enchendo e engordando à sua custa!

MOVIMENTO CIRÚRGICO (!!)

O do pasquim annunciou há dias que tinha nessa semana operado dum tumor num braço uma fulana qualquer e que tinha feito a outro fulano a ablação total de duas mamas — (de duas mamas! Vejam se isto não é linguagem dum barbeiro reles) e que qualquer dos operados se achava completamente restabelecido!

Ah! estúpido! estúpido! estúpido! que jámais deixarás de ser êsse grosseirão do « vomecê do que se queixa? » *(sic)*, nem jámais deixarás de destruir com a mão da asneira aquilo que pretendes impingir com a mão da mentira.

Só assim poderás explicar que numa só semana e até à quinta ou sexta feira, em que tal noticia podia ter sido escrita tais operações se fizessem e os operados delas restabelecidos completamente!

Mentes, mentes e mentes como um cão.

AGRIA, HENRIQUES & L.^A

ARMAZEM DE LANIFICIOS

Esta importante casa comercial, situada na Praça José Malhóa, desta villa, possui um importante sortido de fazendas de lã tanto nacionaes como estrangeiras, sendo das poucas casas que vende pelo preço das fabricas, por fazer com dinheiro seu, e portanto sem pagamento de pesados juros, todas as suas compras

Mercearia 5 d'Outubro

DE

Joaquim Estevam Rodrigues

E' situada junto da paragem da camionete da Castanheira de Pera nesta villa de Figueiró dos Vinhos e n'ella encontram os seus presados fregueses um completo sortido d'artigos da especialidade e por preços muito convidativos

Joaquim Ferreira & Filhos

GRANDE ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS DE LÃ

que vende por grosso e miudo e por preços excessivamente baratos. E' das casas mais antigas e acreditadas da nossa terra

Antonio Alves Thomaz Agria

(Sucessor de José Alves Thomaz Agria)

Importante estabelecimento de fazendas, ferragens e miudezas

SITUADO NA

Praça José Malhóa

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Por virtude do seu trespasse ao novo proprietario este estabelecimento vae ser largamente ampliado e sortido encontrando n'elle os seus numerosos freguezes largo sortido de artigos de primeira ordem e por preços modicos

O BARATEIRO DO POVO

Casa comercial de José Miguel Fernandes David

E' o mais importante e mais bem sortido estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão, artigos de ferro e esmalte, miudezas, etc., etc.

Este grandioso estabelecimento recomenda-se bem pelo seu sortido completo e variadissimo e pela modicidade dos seus preços que são na verdade muito inferiores aos dos respectivos centros produtores

ESCRITORIO FORENSE

ADVOGADO

Dr. Ernesto d'Araujo Lacerda e Costa

(Conservador da comarca)

SOLICITADOR

Augusto d'Araujo Lacerda

Tratam de todas as questões e assumptos da sua especialidade tanto n'esta comarca, como nas comarcas de Ancião e Alvaizere ou quaesquer do Paiz

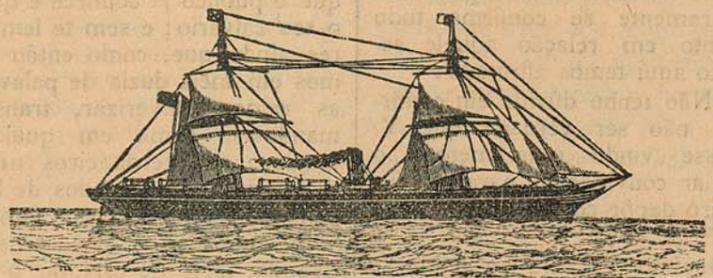
Largo da Praça — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Recomenda-se este acreditado escriptorio pela seriedade e competencia dos seus proprietarios e pelos preços modicos de todos os seus serviços

Ricardo Lacerda

AGENTE HABILITADO

Figueiró dos Vinhos



Esta agência trata de passagens e passaportes para toda a parte do mundo.

Agria, Lacerda & Carvalho

Serração de Madeiras

Importante fabrica de serração de madeiras situada em Figueiró dos Vinhos e habilitada a fornecer para qualquer ponto do paiz e por preços sem competencia madeiras de pinho em todos os tamanhos e da melhor qualidade

Recomenda-se esta casa pela sua seriedade e pela modicidade dos seus preços